EDITORA da FUNDARTE
REVISTA DA FUNDARTE
ANO 16 / NÚMERO 32 / JULHO A DEZEMBRO DE 2016



Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: espiritografias

Idalina Krause de Campos[1]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul - UFRGS

Sandra Mara Corazza[2]
Universidade Federal do Rio Grande do Sul – UFRGS

Resumo: Este artigo analisa as possibilidades de um fazer tradutório em educação tendo como foco o poeta e pensador francês Paul Valéry e seus procedimentos múltiplos de escrita, uma escrita que opera com a leitura — escrileitura — e é considerada uma operação ativa de consciência que possibilita ampliar o uso das faculdades intelectivas de um espírito que lê e escreve. Propõe atuar e operar com o método do informe, em atravessamentos imaginativos da filosofia com a literatura e a educação da diferença, além de utilizar o conhecimento como invenção por meio de procedimentos tradutórios, que possibilitem ações criadoras em educação.

Palavras-chave: Valéry; educação; escrileituras; tradução.

Abstract: This paper analyzes the possibilities of a translating action in education by focusing on the French poet and thinker Paul Valéry and his multiple writing procedures, a kind of writing that operates with reading — reading-writing — and is considered as an active operation of awareness that favors the use of intellective faculties of a spirit that reads and writes. It proposes to act and operate with the inform method, in imaginative intersections between philosophy, literature and education of difference, besides using knowledge as invention by means of translating procedures that enable creation actions in education.

Keywords: Valéry; education; reading-writings; translation.

Introdução

[1] Possui graduação em Licenciatura e Bacharelado em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul (1986), Especialização em Filosofia Clínica pela Faculdade João Bagozzi e Instituto Packter (2008), Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEDU) pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (2013) na Linha Filosofias da Diferença e Educação. Atualmente é Doutoranda, bolsista CAPES da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, no Programa de Pós-Graduação em Educação na Linha Filosofias da Diferença e Educação. Participa como pesquisadora dos projetos: Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze; Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida; e Didática da Tradução, transcriações do currículo: escrileituras da Diferença. Membro integrante do BOP – Bando de Orientação e Pesquisa; da Linha de Pesquisa 09 Filosofias da Diferença e Educação; e do Grupo de Pesquisa DIF – artistagens, fabulações, variações.

2 Orientadora. Professora Titular da Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Faculdade de Educação, Departamento de Ensino e Currículo, Programa de Pós-Graduação em Educação. Pesquisadora de Produtividade 1 C do CNPq (2002-). Líder dos Grupos de Pesquisa, Diretório do CNPq/Lattes: 1) DIF - Artistagens, Fabulações, Variações (2002 -); 2) Escrileituras da diferença em filosofia-educação (2015 -). Experimentadora de Filosofia-Educação; Escrileituras da Diferença; Currículo e Didática da Tradução. e-mail: sandracorazza@terra.com.br

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



O escritor Paul Valéry nasceu em Sète (1871), Comuna francesa no período da Guerra Franco-Prussiana. A porta para o mar do Mediterrâneo é um porto de encantos incomparáveis, de um horizonte vasto banhado pelas águas de bacias e canais que deságuam no mar. O pensador é autor de uma obra vasta, profundamente original, que possui uma intensidade única e merece ser analisada em função de seu movimento de escrita e leitura (escrileitura), pois ele pesquisou, estudou e escreveu sobre conteúdos integrantes das mais diversas áreas do conhecimento e que são repletos de nuances e de viva poesia.

Tal perspectiva oriunda de seus escritos propicia utilizar o conhecimento como invenção para criar um compósito de escrita e leitura e, com ele, produzir meios que possibilitem ações criadoras em educação, o que propicia ao espírito construir a sua própria realidade no campo ambiental da linguagem.

Ainda em seus primeiros anos de vida, o Mediterrâneo que banha a cidade torna-se uma festa aos olhos curiosos do infante Valéry, que considera tudo: das cores aos cheiros, das formas às imagens de uma natureza exuberante, “uma verdadeira loucura de luz, combinada com a loucura da água” (VALÉRY, 2011, p. 127). São seus primeiros passos de pensador e que trazem em germe um pensar em estado nascente, pois se deixa seduzir pela liberdade, pelos estados poéticos com um olhar voltado para o mar, o que é também um olhar para o possível.

Os olhos de Valéry abraçam o que há de humano e de inumano em uma paisagem de natureza primitiva quase intocada, mesclada com as atividades dos homens que ali habitam. Um grande cenário de teatro, cujo personagem principal é a luz que ilumina o mar. Ali, onde Afrodite passeia e que, ao cair da tarde crepuscular, com o mar já escuro, deixa ver na rebentação brilhos extraordinários. Onde a luz de fogo rosa insistente do sol dá seu adeus ao dia, deixando que entre em cena a escuridão da já noite, onde se entreveem os fantasmas que dançam sobre as torres e muros de *Aiguesmortes*. Sombras que festejam os cadáveres pesados dos atuns, animais quase do tamanho de um homem, trazidos pelos barcos

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



de pesca que adentram a costa em seu "retorno da cruzada" (VALÉRY, 2011, p. 130).

Ao amanhecer, a peça teatral do vivível segue e a luz dos raios solares derrama-se pelos molhes. É quando o pequeno Valéry tenciona banhar-se na imensidão cristalina do mar. Porém, baixa os olhos e estremece diante de uma cena singular que mistura carnificina e beleza. Jazem sobre a "água maravilhosamente lisa e transparente" restos de "vísceras e entranhas de todo o bando de Netuno" (VALÉRY, 2011, p. 130). São múltiplas tonalidades de cores, róseo-púrpuras, coral, sanguinolenta vermelhidão de uma mortandade repulsivamente sinistra, embalada pelas ondas letárgicas.

O espanto é inevitável e o faz esquecer o banho matinal. Mas, apesar do susto que invade sua alma, os olhos guardam alguma admiração pelo acontecimento, fazendo vagar pensamentos, relacionando o morticínio repleto de cores com imagens espectrais. Misturas de tonalidades imersas na aquosidade de um límpido e cristalino mar que poderiam bem servir para um fazer artístico aos homens de talento afeitos às curiosidades e às capturas de um olhar artistador.

Não perdura nessa imagem repentina o conteúdo pobre, mas, como pondera Deleuze em *O Esgotado* (2010, p. 85), vale nessa visão a energia condensada, "a prodigiosa energia captada, prestes a explodir, fazendo com que as imagens nunca durem muito tempo [...] A imagem dura o tempo furtivo de nosso prazer, de nosso olhar". Assim aparece a força de sentimento de Valéry, influenciado e estimulado pelas deidades poéticas: do mar, do céu e do sol.

E o que decorre disso tudo é uma produção intelectual que foca em múltiplas temáticas, tendo como pano de fundo o funcionamento do intelecto, através de ações de pensar o próprio pensamento, para verificar o que estes pensamentos implicam. Uma produção que abarca o vivível e que merece ser investigada como um *meio* possível para ser apropriado no âmbito do ensino contemporâneo, em função de sua diversidade e de sua potência textual.



Pelo que foi possível observar em nossas pesquisas, Valéry configura-se num misto de poeta, de pensador e de crítico da cultura, tendo sido traduzido por escritores e também por poetas em vários idiomas. No entanto, apesar de possuir um reconhecimento internacional pelo conjunto de suas obras produzidas, é ainda pouco explorado no Brasil, especialmente no que tange ao uso teórico e prático do seu pensamento no campo da educação.

Em suma, como afirma Gonçalves (2011, p. 238), Valéry é *O Alquimista do Espírito* "devido ao seu sistema plural de linguagens", em que ocorrem transmutações de montagem e desmontagem de escrita. Uma verdadeira alquimia, contrária à anestesia do gesto, para que uma segunda natureza possa se apresentar ao texto através de um operar espiritual em constante variação e que, neste fazer operativo, produz uma escrita visceral e mutante cuja matéria é a vida que se experimenta no campo do saber, como um processo aberto, múltiplo e desafiador, para assim buscar fazer com ele uma educação disposta a disseminar as aventuras do pensamento.

Espírito

Valéry utiliza-se da palavra francesa *esprit* para aludir ao Eu, embora haja, em seu pensamento, a distinção entre dois tipos de espírito: *Moi,* que seria o Eu empírico (*self-variance*), e *Moi,* que seria o Eu puro (*Idolle de l'Intelect*), a ser cultuado e buscado. Este último conceito de Eu puro necessita ser entendido com uma significação peculiar, qual seja: o Eu como intelecto, como inteligência.

Nessa perspectiva, o presente artigo aborda um possível fazer tradutório em educação, conjuntamente com o pensador Paul Valéry, de modo a buscar, através do movimento de leitura e escrita, exercitar conscientemente os pensamentos que possibilitam transitar no campo diverso do saber.

O espírito – ou Eu-empírico – desenvolve-se conscientemente, exercitando os processos do pensar com a finalidade de conhecer. Pensamento ativado via processos de criação, oriundos de uma *self-variance* (autovariação do espírito)

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



disciplinada e rigorosa, passando a verificar o que esses pensamentos implicam, procurando vê-los com precisão e pesquisar seus labirintos, sua mecânica psíquica íntima e seu método operativo.

Valéry (2011, p.179) conceitualiza as ações do pensar, as invenções produzidas pela inteligência, onde o Eu-empírico, que se utiliza da leitura e da escrita e, consequentemente, pensa, define-se "através da relação entre um 2010, p. 85) certo 'espírito' e a linguagem". Ou seja, pondo em movimento um Eu-funcional, pode-se desenvolver uma consciência do processo do pensar para fins de conhecimento, expressos por intermédio da linguagem.

Espírito este, visto como um sujeito que não se assujeita, mas aspira à criação e a realiza, sem divindade reguladora, sem idealismo (Eu absoluto do Idealismo Alemão) e distante da metafísica da alma imortal (Eu substancial do racionalismo de Descartes). Portanto, o Eu puro valéryano não guarda uma moralidade, consistindo na invariabilidade, naquilo que não muda no espírito. O espírito é abordado como um signo de pura possibilidade, de uma virtualidade, ao qual o Eu empírico aspira e tende. Eu que passa por uma ascese e encontra-se — purificado de paixões, de outros ídolos e idolatrias — de forma a se tornar liberto para agir e pensar.

A nossa pesquisa da escrita valéryana gera e explora meios de afirmar e de proporcionar possibilidades criadoras em educação, justamente porque – como salienta Corazza (2010, p. 2) – o espírito humano enfrenta dificuldades para pensar o informe, de maneira que necessitamos "de uma Educação ou pedagogia dos sentidos, associando a vivência dos limites formais com a criação artistadora".

A pesquisa trata, portanto, de um fazer compositivo de escrita, de uma prática de ensino, numa construção conjunta com a obra de Valéry, que busca o valor do pensar humano, observa seu funcionamento e sua ação fecunda de pensar. Por seu intermédio, construímos operações escrileitoras tradutórias (escrita-leitura e leitura escrita), capturando as forças que aproximam percepção e criação.



Pensamos que a Filosofia da Diferença pode servir-se das pesquisas deste poeta-pensador como um disparador de escrita, que busca um novo modo de ver e de pensar o pensamento, no qual a linguagem, a verdade, a consciência de si são inseparáveis e inter-relacionadas. Pensar que possibilita o alargamento das fronteiras da linguagem educacional, na medida em que quebra concepções filosóficas e científicas consideradas verdadeiras e incontestáveis.

Inter-relação, na qual o espírito Estudante-Escritor- Educador (EEE) está sempre se autoproduzindo, por via de uma *self-variance*, num processo contínuo de geração de sentidos imanentes, singulares e particulares, os quais reivindicam novas possibilidades de invenção, de emissão de signos que se inscrevem para escriturar sentidos, oriundos das sensações, num empirismo de pensar constante, cujos procedimentos implicam necessariamente o campo do vivido. Pesquisamos, nesse processo variante, o ambiente humano, por entre dramas e comédias do vivido no campo educacional; ou, ainda, uma dracomédia humana, repleta de potenciais vicissitudes, que servem como disparadores para uma invenção produtora de escrita, texto-manifesto, exposto por via da linguagem e suas convenções.

Método

O método utilizado na pesquisa é o do informe, que desenvolve um tipo de pesquisa que possibilita enfrentar a dificuldade de pensar o informe. Método este que se interroga e que varia durante todo o processo de sua execução, não possuindo um regramento estanque ou dogmático, o que baniria o prazer do inusitado.

Esse método age através de capturas das forças dos textos, das imagens, das musicalidades, das vozes e dos conhecimentos, isto é, de tudo que devém em vida potente e que possa ser adequado às práticas de ensino, pois, conforme Valéry (1997, p. 59), “é o que contenho de desconhecido a mim mesmo que me faz ser eu mesmo”.



Na prática, o que observamos é um desejo que ronda "como uma mina a céu aberto" (BARTHES, 2013, p.12), que propicia criar uma fantasia de *exploração* e, por intermédio dela, construir um ritmo próprio de ação exploratória, um *como*, para *viver junto,* com vida e obra de determinado pensador, saboreando cotidianamente "bocados de saber = pesquisa". Assim, por entre bocados de pesquisa, esse método produz ficção, de modo que "os pesquisadores capturam forças imaginárias, fantasísticas e intelectuais, que os conduzem ao trabalho criador" (CORAZZA, 2012, p.19), levando o espírito a experimentar um novo fazer, ou seja, uma pesquisa *gaia* na educação contemporânea.

Por este viés, tal método busca dar adeus às metanarrativas, de ambição universal insistente nos entremeios do território educacional. Sua ambição universal é hermética e, portanto, falha, pois impede uma discussão que se quer aberta e não reprodutora de conhecimento. Esta abertura pode trazer ao próprio currículo e à didática um entoar de novas vozes, capazes de compor narrativas novas, fazendo na ação de ensinar um espaço crítico, um lugar público para discussões diversas. Ou seja, capturar o que até então foi excluído ou não contemplado nas metanarrativas, em função de sua supressão, por não pertencerem aos dogmas ditos universais. Busca-se, assim, o vão, o desvio, o detalhe, tendo a linguagem como movimento, isto é, em fluxo constante no movimento de criação.

Desse modo, aquilo que sabemos que nos pertence não conta, pois procuramos o que não foi ainda construído, o que resta para ser adquirido, transformado e que se anuncia nos entremeios dos textos. Sendo assim, a literatura, a filosofia e a educação entrecruzam-se, visto que seus conhecimentos e saberes são investigados, por via das próprias escrileituras que interrogam as tramas compositivas do intelecto.

Pode-se também afirmar que o referido método tem apreço pelo espírito criança — que jamais deveria morrer em nós —, pois que ele traz em si a força da curiosidade, da persistência, da descoberta; há neste espírito pagão e poeta um infinito de possibilidades. Como elucida Eduardo Galeano, em entrevista chamada é



Tempo de viver sem medo[3]*,* "é preciso olhar o que não se olha, o que merece ser olhado, tanto o micro mundo e ao mesmo tempo sermos capazes de contemplar o universo". E para tanto é preciso se ter uma visão microscópica e outra telescópica para assim tentar desvendar o que há de misterioso na existência.

As escrileituras produzidas em uma práxis do informe, portanto, são criadas em conjunto com os meandros labirínticos e espirituais dos quais nos ocupamos, escolhidos pela apaixonada necessidade de escrever. Não se verifica uma doutrina, mas um método para operações espirituais, trânsitos pelos macros e micros mundos, ofertados pelo existir. Os espíritos operam em variação e lançam um novo olhar para o que ainda não foi visto, ou seja, o que ainda ignoramos e com estes novos elementos do que se detecta surgem vãos e frestas que propiciam uma composição de escrita viva.

Sendo assim, o método do informe nada mais é do que um fazer mutante, avesso ao sedentarismo intelectual, um *ato físico* corporal, posto em movimento através de estudos e pesquisas, abrindo possibilidades para que o espírito trabalhe e medite sobre a produção de uma obra — de um espírito criador — numa atitude interrogativa transformada em problema que questiona, pelo viés de Valéry (2011, p. 200): *O que a obra produz em nós?*

Todo corpo posto em atividade é energia despendida e também adquirida a todo instante, um organismo em constante mutação. Uma *forma fluente* — referida por Duns Scot como: um onde ou (*ubi*) — e capaz de uma determinação qualitativa, análoga ao calor adquirido pelo corpo que se aquece através do contato e do contágio com outros corpos que os circundam. E nesta metamorfose contínua e energética, o espírito se propõe a buscar maior lucidez para o intelecto e conhecer a fundo a problemática a que se propõe, num exercício que se realiza através de um nomadismo de pensamento ativo sempre em deslocamento, que busca o novo.

[3] Entrevista de Eduardo Galeano disponível em *canal #moritz @Ptnet*, acesso em 05 de julho de 2016.

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



De fato, com o espírito entendido desde a perspectiva valéryana, através dos movimentos de escrileituras da pesquisa, com o artifício da literatura, movimentamos uma malha intelectiva que possibilita a construção de espiritografias. Ou seja, vamos ao mundo de um espírito e com ele escrevemos, a partir de um estudo de vida e de obra ou de uma *Vidarbo*. Trata-se do interesse "por Vida (Biografia) e por Obra (Bibliografia). Só que, em vez de Vida e Obra tomadas em separado, ou uma derivada e mesmo causa da outra, trata de *Vidarbo*" (CORAZZA, 2010), tomada conjuntamente. Essas operações das faculdades intelectivas, repletas de afecções, permitem e compõem o método do informe, como um mecanismo que exige um tipo de construção, no qual o inesperado é condição processual.

Projetos

Essas operações de método do informe tiveram suas experimentações e pesquisas empíricas cultivadas em três projetos, desenvolvidos pela pesquisadora e professora doutora Sandra Mara Corazza e seus orientandos de iniciação científica, mestrado e doutorado, na Linha de Pesquisa 09 *Filosofias da Diferença em Educação*, integrante do Programa de Pós-Graduação em Educação (PPGEdu) da Faculdade de Educação (FACED) da Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS), quais sejam: *Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo: método Valéry-Deleuze (2010); Escrileituras: um modo de ler-escrever em meio à vida;* e *Didática da Tradução, transcriações do currículo: escrileituras da Diferença (2014 – 2019).*

O projeto atual almeja complementar, correlacionar e consolidar a formação de professores-pesquisadores, através da observação e análise dos resultados e impactos das produções oriundas das três pesquisas, investigando um currículo e uma didática da diferença, visando criar e fortalecer a ampliação e a consolidação da qualidade de uma pesquisa-docência.

Desde o início, o método do informe apontava para um tipo de pesquisa construcionista, enquanto um convite para estudos e práticas de escrita, as quais,



através das aventuras do intelecto, facultam ao espírito construir a sua própria realidade no campo ambiental da linguagem, pensando o informe com Valéry, e sua Comédia Intelectual, e com Deleuze e o seu Método de Dramatização, além de recorrer também a Roland Barthes e ao seu conceito de *Biografemática* (CORAZZA e OLIVEIRA, 2015).

O Projeto Escrileituras (2011-2015), apoiado pelo Programa Observatório da Educação (CAPES/INEP), teve como proposição um fazer-educação por meio de Oficinas, abrindo, assim, possibilidades de criação de *escrileituras* em educação. Oficinas que tinham, em sua percepção, criação e desenvolvimento, dois meios possíveis para movimentos experimentais de escrita: a formação que acompanhava os bolsistas e pesquisadores participantes e cursos e ações de extensão, oferecidos a professores da Educação Básica.

Totalizando um registro de 570 oficinas desenvolvidas pelo projeto, foi desenvolvida a *Oficina espiritográfica de co-criação dialógica, p*ropondo aos participantes um exercício de pensamento valéryano, que explorasse a forma de escrita "diálogo" através de textos filosóficos e literários que tratavam do tema.

A oficina buscava pensar, de forma lúcida, condições de criar personagens que pensam o próprio pensamento, afirmando o espírito que opera e escreve com prazer, ciente "que cada um é a medida das coisas" (VALÉRY, 2011). E, através desta empiria de escrita proposta na oficina, proporcionou um aporte teórico e prático para composição da dissertação de mestrado *Alfabeto espiritográfico: escrileituras em educação* (CAMPOS, 2013).

Espiritografia

Dessa ação empírica, a palavra espiritografia começa a tomar força nas pesquisas, possibilitando ao espírito escrileitor investigar outros Espíritos e suas vidarbos e, com eles, passar a criar procedimentos capazes de promover uma produção de escrita espiritográfica experimental, que se ocupa de errâncias, acasos e o inusitado e que se configura em uma tese intitulada: *A Educação da Diferença*



com Paul Valéry: Método Espiritográfico (CAMPOS, 2015), com proposta já qualificada em 2015 e com defesa final prevista para 2017.

Deste modo, o espaço curricular afirmava-se de maneira transversal com a filosofia, com as artes e com as ciências, tomando para si a tarefa de compor um currículo como uma construção aberta, fazendo dos conhecimentos que se colocam em movimento um compósito multidimensional de leitura e de escrita potenciais.

Assim, o Projeto Escrileituras optou por afirmar um currículo mutante, provocando, com isso, que sua didática também o fosse. Ou seja, didática e currículo possibilitaram, através das Oficinas, a ampliação da visão de mundo, por via do conhecimento, que serve como um disparador para a edificação de outros mundos possíveis; isto é, um modo de viver e de "maquinar a educação, com prazer aventureiro e espírito aventuroso" (CORAZZA, 2014).

Abrindo dobras na pesquisa, foi possível falar e escrever sobre Autor, Infância, Currículo e Educador – unidades analíticas referidas como AICE e integrantes de procedimentos didáticos. Já o currículo foi composto pelas seguintes unidades analíticas: Espaços, Imagens e Signos (EIS), os quais são postos em movimento por meio de um nomadismo intelectual, experimentado no próprio território da educação, valendo-se dos procedimentos múltiplos de escrita de Valéry para um fazer tradutório em educação.

Através de um Método do Informe, utilizando o conhecimento como invenção, que, por via de transbordamentos de pesquisa, esses elementos possibilitaram criar um novo método chamado espiritográfico – defendido na tese: *A Educação da Diferença com Paul Valéry: Método Espiritográfico* (CAMPOS, 2015) –, pelo qual foi possível a criação de alguns tipos de espiritografias tradutórias, como: Plagiotrópica, Imagética, *Mise en Scène*, Desviante, Extra-Ordinária, Jogada, Aula-Empírica.

Poética

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



Escrever é traduzir, conforme afirma Valéry, na época em que traduzia as *Bucólicas* de Virgílio (1944), destacado no livro de Haroldo de Campos (2013) *Transcriação*:

> Escrever o que quer que seja, desde o momento em que o ato de escrever exige reflexão, e não é uma inscrição maquinal e sem detenças de uma palavra interior toda espontânea, é um trabalho de tradução exatamente comparável àquele que opera a transmutação de um texto de uma língua em outra. (VALÉRY apud CAMPOS, 2013, pág.61-62)

Essas forças operativas da escrita (e da leitura) servem como impulso para uma trajetória autoconsciente do espírito, que se aventura entre rasuras, em busca do novo. Produzindo uma escrita tradutória, aberta, sujeita a interações e oscilações oriundas daquele espírito que age sobre o texto, criamos uma *didactique* da novidade, da errância de AICE, que pode gerar intranquilidade, pois caça em meios múltiplos de escrita — rigorosa e complexa — seus desdobramentos enigmáticos, perseguindo a exatidão dos sentidos por entre Espaços, Imagens e Signos (EIS) do Currículo.

Sendo assim, AICE (Didática) e EIS (Currículo) tomam para si uma poética de pesquisa que se quer empírica, num processo de releitura e de reescrita do vivível no campo educacional, e que acabam produzindo um diferencial curricular e didático da diferença, visto que criam novas epistemes, possibilitando “pensar uma didática e um currículo tradutórios” (CORAZZA, 2014, p.5).

Em seu texto *A Tentação de (São) Flaubert*, Valéry (2011) escreve sobre a diabólica tentação humana e poética de provocar uma escrita amebiana, como meio para um jogo escritural do vivível, pois viver é, a todo instante, sentir falta de alguma coisa e modificar-se para atingi-la, para, desse modo, tender a substituir-se no estado de sentir falta de alguma coisa. Trata-se de um movimento corpóreo como o feito pela ameba, ou seja, de transubstanciação com o objeto amado, pois “vivemos do instável, pelo instável, no instável: essa é a função completa da Sensibilidade, que é a mola diabólica da vida dos seres organizados” (VALÉRY, 2011, p. 83).

Essas perspectivas poéticas sobre escrita, leitura, currículo e didática possibilitam, no espaço da aula/oficina, a emergência de procedimentos

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



interpretativos das matérias curriculares, que funcionam como meio de invenção, recriando assim culturas e discursos, através de exercícios rigorosos, cômicos e dramáticos do pensamento. Nesse sentido, como um espaço de ficção, a aula é planejada para que, de algum modo, funcione como um laboratório coletivo em que se examina e promove-se a educação do espírito.

Assim, são promovidos encontros imanentes, que fornecem coordenadas para o pensamento crítico, que é experimentado num empirismo transcendental no qual "a Ideia não é o elemento do saber, mas de um 'aprender' infinito" (DELEUZE, 2006, p.310). Nesse tipo de empirismo, o que vale é o valor agregado ao espírito das forças, que do pensamento se apossa e que são capazes de produzir novas imagens, que enunciam e novamente atualizam o pensar. Com textos literários, os espíritos escrileitores, em movimentos de *self-variance*, passam a acompanhar essas danças dramáticas em meio à vida in-formada.

Trata-se de um pensar vivo, capaz de escriturar novos sentidos e de inscrever signos que são vitalmente transcriados, pois operam para "atravessar a ortodoxia dos textos" (CORAZZA, 2014) e com eles criar uma escrita indomesticada, crítica e vivificadora. Damos, assim, vida a uma nova *práxis* de ensino, capaz de construir espiritografias, na qual o espírito age por si, enquanto move-se entre leituras e escritas. Espírito que se interroga, observa o próprio fazer da escrita literária, que tem como tarefa anotar, borrar, fazer múltiplas reflexões, combinações, tentativas e falhas.

Notemos que o espírito ocupa três lugares funcionais em seu laboratório próprio, quais sejam: EEE – o de Estudante (espírito em curso tradutório de escrita); o de Escritor (espírito autor, tradutor e transcriador); e o de Educador (espírito em exercício de tradução no exercício do magistério). É esse atravessamento entre lugares que movimenta EIS (Currículo) e AICE (Didática), os quais, pela via da tradução, são reimaginados. Vislumbramos, de acordo com Corazza (2013, p. 219), um fazer tradutório "para além do literalismo rudimentar e da banalidade explicativa", que dá nova vida ao educador-artista e cujas traduções "poderão, por vezes, tornar-



se mais importantes que os originais", pois se configuram como uma "estratégia de renovação dos sistemas educacionais e culturais contemporâneos".

Experimentações

A partir do desenvolvimento de algumas Oficinas de Transcriação, durante o Projeto Escrileituras, continuamos estudando e pesquisando o pensamento de Valéry, na direção de construir tipos de espiritografias, como uma prática que promove novos movimentos que tomam as unidades analíticas de EIS AICE, na qual buscamos combinar e correlacionar EIS com AICE (Espaços, Imagens e Signos a Autor, Infantil, Currículo, Educador) e, nesse processo combinatório e correlacional, operacionalizar escrileituras tradutórias que se articulassem com a *práxis* do ensinar, escrever, orientar, pesquisar, colocando esses verbos em foco por meio de um fazer espiritográfico. Tal procedimento exploratório-experimental de pesquisa tem como intuito criar meios para a produção de ações de pensamento na pesquisa.

Nessa direção, detalharemos um dos tipos de espiritografia, aludida no texto: a Espiritografia Plagiotrópica. Lembrando o que salienta o próprio Valéry (2011, p. 110), "eu sei apenas o que sei fazer", expomos os movimentos empíricos de escrita feitos para criar essa espiritografia, através de movimentos de EIS AICE, apresentados a seguir, por meio de um resumo do seu Glossário:

EIS	AICE
Espaços - que se habitam e produzem condições para novamente serem habitados ao esvaziar-se na constituição de novas margens que, a sua vez, lhes doam novas instâncias habitáveis.	**Autor-Tradutor -** escreve, lê, interpreta, aprende, compõe, apenas para desencadear devires.
	Infantil - como força ativa e vontade de potência afirmativa.
Imagens - ausentes que presentificam presenças e Imagens presentes que	**Currículo -** cria a alegria afirmativa de educar.

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



presentificam ausências.

Signos - são dotados das forças dos encontros, que podem exercer uma violência sobre o pensamento; violência que implica na criação do pensar no próprio pensamento.

Educador - exercita se interrogar se tudo o que disse, até então, é tudo o que pode dizer; se tudo o que viu, até agora, é, de fato, tudo o que pode ver; se tudo o que pensa é tudo o que pode pensar; se tudo o que sente é tudo o que pode sentir; se tudo o que traduziu é tudo que pode traduzir.

O texto inspirador para a produção dessa espiritografia é o livro de Gonçalo Tavares (2011), intitulado *O senhor Valéry e a lógica*, tomado como um disparador, como um meio potente para a produção de escrita. Esse meio textual produz um outro, para falar e escrever sobre a *Vidarbo* (vida-obra) de Paul Valéry, criando-se assim um personagem: *O Monsieur Valéry.*

Esse texto é produzido por intermédio de escrileituras que contemplam o ainda não visto ou ainda não atribuído de valor para a criação do personagem, na medida em que pesquisamos sobre a vida e a obra de Valéry, de modo a escrever sobre este personagem peculiarmente.

Por via de um olhar outro, que não o de Tavares, mas do olhar do espírito escrileitor, que pesquisa vida e obra de outro espírito, no caso Valéry, almejamos compor uma espiritografia com e sobre este personagem do pensamento, o que pressupõe ir ao mundo deste espírito do qual se escreve, observando como se dá o seu pensar. Desta maneira foram produzidos quatro minicontos**:** *O Atum*, *O Ostinato*, *O Sonho* e *Sem Destino* (CAMPOS, 2015). Abaixo, seguem os dois primeiros dessa série:

O Atum

MONSIEUR VALÉRY *era pequenino, mas adorava nadar.*

Ele explicava:

Sou igual a um atum, só que em tamanho menor.

Mas isto constitui para ele um problema.

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



Mais tarde, o monsieur Valéry pôs-se a pensar que os pescadores podiam confundi-lo com um atum e pescá-lo. Sabia, por suas leituras, ser o Atum o mais antigo deus criador do mundo Mediterrâneo e observou, em seu livro, a grande Serpente Atum, pai de Enéade e Heliópolis. E tal pensamento o animou um pouco.

Dias depois, saiu para passear à beira-mar e desenhou serpentes na areia. E pensava sobre a evolução das espécies e murmurava: "se o homem está situado ao final de um longo esforço genético, também será preciso situar esta criatura fria, sem pata, sem pelos, sem plumas, no início deste mesmo esforço". E concluiu: Há algo de serpente no homem, assim deve também haver em mim.

Monsieur Valéry costumava fazer cálculos enquanto caminhava e riscava atrás de si com uma varinha uma linha e ia medindo. Caminhou, caminhou, de súbito olhou para trás e viu a linha e pôs-se a imaginar a Serpente como uma linha viva. E pensava que a linha é uma abstração encarnada, só enxergamos a sua parte próxima, manifesta. Mas ele sabia que a linha seguia pelo invisível infinito, de um lado e de outro.

O Ostinato

MONSIEUR VALÉRY *cresceu, assim como também cresceu sua curiosidade sobre as serpentes, que seguia a rabiscar.*

Monsieur Valéry ainda costumava nadar, porém agora com maior desenvoltura.

Jogava-se ao mar e nadava de costas, cachorrinho, borboleta...

Enquanto dava suas braçadas e mergulhos no mar sem fim, sentia-se acompanhado.

Então o monsieur Valéry pensava:

— Será Afrodite? Ou será Netuno?

E enquanto caminhava para casa após seus nados, volta e meia olhava para trás, observando a linha pintalgada pelos pingos que escorriam de seu corpo.

Então Monsieur Valéry exclamava:

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



— Que bela geometria!

E logo se aborrecia.

Monsieur Valéry era um perfeccionista, e para se distrair durante o percurso de volta para casa, ia compondo versos Ostinatos que o enterneciam e lhe traziam aromas de um pensamento. Ele costumava declamá-los assim:

Fonte, minha fonte, água friamente presente,
Suave com os animais, com os humanos clemente,
Que tentados por si seguem ao fundo a morte,
Tudo te é sonho, Irmã impávida da Sorte![4]

Importa salientar que não há um plágio, porque não é cópia ou mera reprodução textual, mas de uma *plagiotropia*, no sentido de Haroldo de Campos (1997, p.249), qual seja: uma "apropriação seletiva, não histórica, para utilidade imediata de um fazer poético, situado na 'agoridade', o momento de ruptura em que determinado presente (o nosso) se reinventa ao se reconhecer na eleição de um determinado passado".

Em outras palavras, estabelecemos um diálogo entre os espíritos de Valéry, de Tavares e de um escrileitor que quer compor uma espiritografia. O espírito que escreve, lê, repensa e mastiga o que chega dos textos de Tavares e de Valéry. Essa relação estabelecida entre os espíritos que leem e escrevem adquire potência pelas afecções de forças, oriundas da ação de leitura-escrita, e gera novas relações com os textos, que são, então, renovados e reinventados pelo método espiritográfico.

O EIS AICE do Currículo e da Didática com suas unidades analíticas é posto, como bloco, em movimento, através de um nomadismo intelectual, que opera como conhecimento e como invenção, no território da educação, de uma maneira espiritográfica valéryana. Podemos descrever da seguinte maneira os movimentos tradutórios que ocorrem nessas unidades analíticas de EIS AICE:

[4] Do poema *Fragmentos de Narciso e outros poemas* (VALÉRY, 2013, p. 61).

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



EIS

Espaços - são criados entre e com Tavares e Valéry, espaços de escrita, novas margens que o espírito escrileitor passa a habitar.

Imagem **-** ausentes de Tavares e Valéry, que se presentificam na *agoridade* com novas imagens de pensamentos criadas, que se "reinventa ao se reconhecer na eleição de um determinado passado" (Campos, 1997, p.249) e que lhe serviu de disparador, como um rastro de escrita.

Signos – encontro de forças, de um espírito que escreve em *Self-variance*, com Valéry e com Tavares. E desta violência levantam-se problemas e com eles se cria, pois criação pressupõe pensar no próprio pensamento e como eles se dão entre leitura e escrita.

AICE

Autor-tradutor **–** ler e escrever na educação, como operação literária, valer-se da literatura, que desencadeia movimentos de: pensar, interpretar, aprender, compor, devires tradutório.

Infantil **–** do infante, da criança que descobre, pois tem a força ativa, ativada por uma vontade de potência que quer afirmar-se com alegria.

Currículo **–** Alegria que transborda, pois se afirmam novos meios de educar, que não o "eu professo/tu escutas", pois, na teimosia que nos impele a educar, é necessário ir além da mera reprodução de textos.

Educador **–** EEE (estudante, escritor, educador), três papéis intercambiáveis, propícios a interrogar-se, levantar questões, na busca de novos olhares, "vãos" sobre o ainda não visto que possibilita novas composições de escrita.

Considerações Finais

Ao pensar sobre o processo de pesquisa exposto no presente artigo, sinalizamos a relevância do pensamento de Paul Valéry e de sua apropriação efetiva no campo da educação, por considerar que os seus procedimentos de escrita concedem ao espírito que busca se educar agir com maior lucidez de pensamento,

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



ou seja, cultivar o Eu-empírico que lê e escreve importando-se mais com o meio de ocorrência textual do que com um fim ou com uma meta.

Tratamos, em síntese, de um fazer conjunto com Paul Valéry, através dos seguintes aportes: a) o Método do Informe, utilizado como processo experimental para falar, ler e escrever sobre a educação com Valéry; b) através de uma S*elf-variance* do espírito, colocar-se em movimento funcional construcionista, onde autoeduca-se no entre-lugar variante de EEE. c) a *escrileitura* conceitualizada como um campo aberto à formação e ao fazer docente, que mescla linguagem e conhecimento.

A *vidarbo* de Valéry engendra, na didática e no currículo, uma vontade de expressão, unida às sensações experimentadas no vivível, em novos traçados compositivos de escrita. Para pensar e operar uma didática (AICE) e um currículo (EIS) tradutórios, o estudo também aponta que a pesquisa é mutante e aberta a novas interferências, visto que o Método do Informe transmuta-se no próprio percurso investigativo em um Método Espiritográfico.

Pelo que podemos observar acerca dos resultados e impactos das produções oriundas das três pesquisas anteriormente citadas, que pesquisam e produzem um currículo e uma didática da diferença, eles vêm proporcionando encontros produtivos, que ampliam e qualificam as pesquisas educacionais.

Cabe enfatizar que no cotidiano educacional o que se traduz, além de textos, é a própria vida, como potência ou movimento de criação, almejando que a existência possa ser concebida como arte, pois, de acordo com Valéry (1977, p.217), “a arte não é nada mais do que um pedagogo, porém mais importante — pois ela pode me ensinar a dispor do meu espírito para além de suas aplicações práticas”. Trata-se então de um escrever vivendo, espreitar a realidade e sobre ela levantar novos problemas, que promovem no espírito dobras sobre si mesmo, num fazer poético-criador em elaboração constante, um modo de existir intensivo de arte-vida que toma o vivível como matéria para assim transmutá-la no campo da educação contemporânea.

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.



Referências

CAMPOS, Haroldo de. *Transcriação*. São Paulo perspectiva, 2013.

_____, Haroldo de. *O Arco-Íris Branco*. Rios de Janeiro: Imago, 1997.

CAMPOS, Maria Idalina Krause de. *Alfabeto Espiritográfico*: Escrileituras em Educação. Porto Alegre, 2013. Projeto de dissertação (Dissertação em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2013. Disponível em: <http://hdl.handle.net/10183/70246>

_____, Maria Idalina Krause de. *A Educação da Diferença com Paul Valéry*: Método Espiritográfico. Porto Alegre, 2014-2017. Projeto de tese (Tese qualificada em Educação). Programa de Pós-Graduação em Educação, Faculdade de Educação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014.

CORAZZA, Sandra Mara; OLIVEIRA, Marcos da Rocha; ADÓ, Máximo Daniel Lamela (Orgs.). *Biografemática na educação*: Vidarbos. (Caderno de Notas 7.) Porto Alegre: UFRGS; Doisa, 2015.

_____, Sandra Mara. Ensaio sobre *EIS AICE*: proposição e estratégia para pesquisar em educação. Porto Alegre: Programa de Pós-Graduação em Educação; CNPq, 2014, 30 p. (No prelo.)

_____, Sandra Mara. *O que se transcria em educação*? Porto Alegre – RS: UFRGS; Doisa, 2013.

_____, Sandra Mara. Introdução ao método biografemático. In: COSTA, Luciano Bedin da; FONSECA, Tania Mara Galli (Org.) *Vidas do Fora*: habitantes do silêncio. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2010.

_____, Sandra Mara. *Dramatização do infantil na comédia intelectual do currículo*: método Valéry-Deleuze. Projeto de Pesquisa – Bolsa de produtividade CNPq, 2010.

_____, Sandra Mara. *Método Valéry-Deleuze*: um drama na comédia intelectual da educação. Educação & Realidade, Porto Alegre, v. 37, n. 3, Dec. 2012. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2175-62362012000300016&lng=en&nrm=iso>. Acessado em 13 de Julho de 2016.



_____, Sandra Mara. *Didática da Tradução, transcriações do currículo*: escrileituras da Diferença (2014-2019). Projeto de Pesquisa de Produtividade (CNPq).

_____, Gilles. *Diferença e repetição***.** Trad. Luiz Orlandi e Roberto Machado. Rio de Janeiro: Graal, 2006.

_____, Gilles. *A ilha deserta e outros textos*. Textos e entrevistas (1953-1974). São Paulo: Iluminuras, 2006 (Org. Luiz B. L. Orlandi).

DELEUZE, *Sobre o teatro:* Um manifesto de menos; O esgotado. Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2010.

TAVARES, Gonçalo M. *O senhor Valéry e a Lógica*. 1. ed. Rio de Janeiro: Casa da Palavra, 2011.

VALÉRY, Paul. *Variedades*. Trad. Maiza Martins de Siqueira. São Paulo: Iluminuras, 2011.

_____, Paul. *Fragmentos de Narciso e outros poemas.* Trad. Júlio Castañon Guimarães. São Paulo: Ateliê Editorial, 2013.

_____, Cahiers. Paris: Gallimard, 1977.

CAMPOS, Idalina Krause de. Fazer tradutório em educação com Paul Valéry: esperitografias. *Revista da Fundarte*, Montenegro, ano 16, n. 32, p. 15-35, jul/dez. 2016. Disponível em: <http://seer.fundarte.rs.gov.br/index.php/RevistadaFundarte/index>.